

Mahin

Revista Literária

ENTREVISTA

O escritor Dany Wambire entrevista Paulina Chiziane “Literatura como lugar de negociação, de luta pela justiça”

Brasil, Moçambique –
Conexões literárias em Do Índico e do Atlântico

IMPRESSÕES

Conceição Evaristo:
Pesquisadores comentam a obra da escritora

O Livro do avesso de

Elisa Lucinda

Resenhas. Inéditos. Destaques de 2018.



Mahin é uma publicação quadrimestral da Editora Malê.

Expediente

Editor – Vagner Amaro

Assistente editorial: Marlon Souza

Capa – Foto: Caio Basílio

Colabores desta edição

Aline Ramos

Eduardo de Assis

Dany Wambire

Simone Ricco

Cristiane Veloso

Marlon Souza

Online: www.editoramale.com.br/revista

Matérias e sugestões de pauta: revista@editoramale.com.br

Para anunciar: vendas@editoramale.com.br

A Editora Malê não se responsabiliza pelas ideias e conceitos expressos nos artigos assinados, que trazem somente o pensamento dos autores e não representam necessariamente a opinião da revista.

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade sem prévia autorização.

EDITORIAL

Eu sou porque nós somos.

Vimos surgir nos últimos quatro anos um acirramento nos debates sobre presenças e ausências dos artistas negros na cena cultural brasileira. Se a identidade da cultura brasileira abriga em sua diversidade o conteúdo originalmente elaborado e difundido por artistas negros e negras, a presença destes sujeitos, com raras exceções, ainda é pequena nos espaços privilegiados de visibilidade do mercado cultural e, em uma suposta hierarquia cultural, mantida no senso comum (embora não faça o menor sentido), quanto mais for elaborada a arte, maior é a exclusão dos artistas negros nos canais voltados para a promoção artística.

Neste sentido, a presença da inteligência e da sensibilidade de artistas negros e negras é mais naturalizada em expressões da cultura popular como o artesanato, ou o samba, do que em atividades como compor uma música erudita ou escrever um romance. No meio literário, nestes últimos anos, se destacaram iniciativas como a da editora Malê, lançada em 2015 e voltada para promover a diversidade cultural na literatura, a partir da publicação de obras de escritores e escritoras negras. É importante citar a campanha como Vista nossa palavra Flip, que em 2016, denunciou a ausência de escritoras negras na programação principal da Festa Literária Internacional de Paraty.

Para mudar este cenário, livrarias foram empreendidas e voltadas para a venda de livros da literatura negro-brasileira, eventos literários tematizaram a diversidade e a identidade em suas pautas e editoras foram criadas, o que fez emergir, mesmo que ainda de forma menos intensa que a necessária, uma literatura brasileira contemporânea que se aparenta como nova para muitos amantes da leitura literária, que estiveram alienados de uma produção de grande força artística, criativa e imprescindível para se entender a arte literária brasileira.

Desta margem surge a Mahin - revista literária, para ser um espaço de informação, interação, novidades, debates e expansão do conhecimento em relação a literatura, a cultura e a memória afro-brasileira.

Neste primeiro número, apresentamos uma matéria sobre Livro do avesso, o pensamento de Edite, romance de Elisa Lucinda e sobre Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos, duas impressões sobre a obra da escritora Conceição Evaristo, uma entrevista realizada pelo escritor moçambicano, Dany Wambire, com a escritora Paulina Chiziane, além de resenhas, textos inéditos, e um guia destacando alguns livros que foram lançados em 2018.

Boa leitura!

Vagner Amaro

Entrevista

Paulina Chiziane “Literatura como lugar de negociação, de luta pela justiça”
pág. 4

Lançamento

Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos.
pág. 9

Capa

Livro do avesso, o pensamento de Elisa Lucinda.
pág. 11

Fortuna Crítica

Cristiane Sobral produzindo novos reflexos na escrita feminina (Cristiane Veloso)
pág. 14

Impressões - Conceição Evaristo

Pesquisadores comentam a obra da escritora
pág. 17

Resenhas

A Adubada fecundidade e outros contos (Simone Ricco)
pág. 20

O canto dos escravizados (Dany Wambire)
pág. 22

Inéditos

Paulo Vicente Cruz
Ronald Lincoln
pág. 24

Perfil

Fábio Kabral, um escritor afrofuturista
pág. 27

Destaques de 2018
pág. 30

SUMÁRIO

ENTREVISTA

Irreverência é o que caracteriza a escritora moçambicana Paulina Chiziane. Mas não o faz por mal, segredou-nos. É puro amor à liberdade. “Tenho a minha própria expressão e ninguém me deve proibir de seguir este caminho”, reforça. A sua escrita é de compromisso, mesmo sabendo que não será capaz de mudar alguma coisa na sociedade. “Meus escritos não são para mudar nada, são apenas uma contribuição para uma reflexão, diz, nutrida de fé que essa reflexão possa conduzir para uma nova visão. Será o caso de “o canto dos escravos”, seu mais recente livro e pretexto para esta entrevista? A escritora guarda fé nisso. A ver vamos! Mas enquanto os livros não chegam aos leitores, fiquemos com a entrevista.

Paulina Chiziane

“Literatura como lugar de negociação, de luta pela justiça”

Algumas pessoas a criticam por a sua escrita não se enquadrar nas escolas literárias tradicionais. Tem seguido esse debate?

Devemos deixar uma coisa bem clara: existem diversidades de estéticas. E eu venho de uma cultura, a africana, que tem a sua maneira de fazer as coisas. Aprendi também, nas escolas formais, outras formas de fazer as coisas. Logicamente, eu sou o produto de várias escolas. Não seguir o caminho dos outros não significa não ter estética. Eu tenho a minha própria expressão e ninguém me deve proibir de seguir este caminho. Se eu quiser seguir aquilo que os outros ditam como o ideal, eu estarei a sufocar-me. A minha expressão, se calhar, não vai ser perfeita. Resumindo: eu tenho alguma coisa para dizer, dentro de mim existe uma mensagem, uma vontade de dialogar com o outro. Eu tenho que ser aquilo que eu sinto. As pessoas devem aceitar a diversidade, pois a vida só é perfeita quando diferentes pessoas se juntam.

Essa irreverência, pelos vistos, estende-se para a escolha dos temas. Cada livro seu destapa assuntos polémicos. Você tem um projecto temático definido ou tudo vem ao acaso?

Eu acho que há acaso nisso. Existe apenas vontade de comunicar sobre diferentes aspectos da vida. Se num dia, eu comunico sobre um assunto, no dia seguinte, sou capaz de comunicar sobre um outro assunto.

É por isso que insiste em dizer que não escritora?

Eu não sou escritora, eu sempre disse isso. Não gosto disso. O ser escritora, no sentido formal, significa buscar um projecto literário. Para mim, a escrita é um lugar de liberdade. Os temas são tão diversos, tão vastos, tão profundos. Por que eu apenas tenho de sentar a olhar apenas para um tema? Quando me apetece escrever sobre a borboleta, escrevo. Sobre ovo de galinha, idem.

De onde lhe vem a inspiração: leituras, observação, conversa... Ou é algo inconsciente?

Inconsciente não é. Às vezes me vem nas conversas. De tantas palavras, na conversa, há-de haver uma que me prende. Outras vezes, são crianças passando na rua, do que falam há alguma coisa que capto. Outras vezes, ainda, vem duma simples observação. Mas a minha verdadeira inspiração acontece quando estou acordada, ao som duma música, que me leva à imaginação. Eu nunca disse: agora vou escrever sobre isso ou aquilo. As coisas vêm ao meu encontro, nas minhas vivências, e mantenho a sensibilidade sobre as coisas nestas vivências. Depois vem o sonho e o trabalho que acaba em papel.

Algo que salta à vista: você gosta de escrever na primeira pessoa. Quer comentar?

Em muitos livros, como Nike-tche e Balada de amor ao vento, eu escrevo na primeira pessoa. Eu gosto de trabalhar

na primeira porque eu também mergulho na estória. Eu e os meus personagens fazemos parte da mesma corrente.

No contexto moçambicano e não só ainda se confunde o narrador com o autor. Não acha que os leitores podem considerar as experiências dos livros como se fossem suas?

As minhas marcas pessoais estão sempre nos livros. Há pessoas que dizem que escrevo sobre feminismo, o que não é verdade. Eu sou do sexo feminino, eu vejo com olho feminino. Apenas estou a descrever o meu mundo, não estou a seguir uma linha filosófica. Escrevo aquilo que sinto, o que as outras mulheres sentem, resumo isso e coloco no papel. Os meus livros são ricos nisso e fica muito difícil saber quem é o autor e quem é o narrador.

Fora do livro, você já terá abraçado a causa do feminismo?

Sem dúvidas. Para mim, o livro ou a literatura funciona como um lugar de negociação, de luta pela justiça. Eu quero negociar a partir da escrita, ajudar as pessoas com dificuldades de expressar o seu pensamento. Não foi sem razão que na última trilogia, eu entrevistei uma espírita e dois curandeiros, e deixei-os falar na primeira pessoa. Eu simplesmente dei as minhas mãos para que eles pudessem expressar o seu próprio sentimento. E a razão é simples: nós sabemos que o nosso mundo está cheio de tabus. E eu queria quebrar isso. E como o assunto é com-

plexo e que não podia mergulhar no assunto, eu pus as pessoas a falar. Eu apenas fui a máquina operadora.

Acha que isso é da função do escritor?

Eu acredito que essa é uma das funções do escritor ou do autor. Umas vezes falando de si, outras vezes ajudando a desvendar o seu próprio mundo. Eu encontro estes dois mundos e tento trazer ao livro este debate. E como eu não tenho propriedade para falar de certos assuntos, coloco a pergunta, o conflito e peço que os entendidos dêem o devido esclarecimento.

Você explora as temáticas de magia africana: o curandeirismo e a feitiçaria. Sente-se à vontade para abordar esse assunto complexo?

Todos falam de espíritos e curandeiros. Mas se tu procurares saber, naquelas pessoas que falam, de quem verdadeiramente elas falam, muito

poucas saberão. E isso despertou, em mim, muita curiosidade. Por que é que se fala de alguém, lhe dão nomes feios, se procura às escondidas, mas não se sabe exactamente quem é. Eu simplesmente tive a curiosidade de procurar saber com um pouco mais de profundidade.

Sente esse saber estar a ser marginalizado pela ciência?

Vem aí a questão da ciência, do pensamento ocidental. Chama-lhe esse conhecimento de magia, de realismo mágico, porque não conseguem explicar esse conhecimento. Outros ainda, os religiosos, chamam-lhe de diabólico. Mas o que é isso de diabólico, de realismo mágico. Quando eu saio daqui da cidade e vou para a zona rural, vejo um outro povo, que tem outra maneira de ver o mundo, de pensar e acredita nessas pessoas [curandeiros], algumas das quais são provedoras de saúde e bem-estar

na comunidade.

As pessoas dão os nomes em função do contexto em que vivem. Na América Latina, isso que estou a dizer chamariam realismo mágico ou magia, sei lá. Mas que fique claro que para meu povo não é nada disso, é realidade.

Há quem diga que existe problema entre o curandeirismo e a religião. Partilha dessa visão?

Não há mesmo. Eu diria mais: o curandeirismo, no sentido positivo – note-se que todas as profissões têm o seu lado mau e seu lado bom – trata dos assuntos do corpo, é uma ciência um pouco mais concreta. O padre trata apenas dos assuntos do espírito. O médico apenas da carne. Veja-se que o ocidente conseguiu dividir estas áreas. A parte física ficou com os médicos e a espiritual ficou com os padres. Mas em África, as duas partes são tratadas com a mesma entidade. Não há conflito, o que existe é uma

barreira colonizadora. Quando o Ocidente chegou a África tentou reprovar tudo para impor a sua visão do mundo. Mas estamos na fase de desconstrução desta barreira filosófica colocada.

Um exemplo que dou, em relação ao curandeirismo, é que quase 70% da população moçambicana busca saúde no curandeiro. No campo, o hospital, às vezes dista a 50 Km. Então tem ali alguém que domina o conhecimento sobre as ervas, portanto, enquanto se demora para se chegar aos 50km, por dificuldades de transporte, as pessoas vão ao curandeiro.

Você vive numa sociedade patriarcal, que subjuga a mulher. Depois de quase 3 décadas de escrita, como vê a relação entre o homem e a mulher?

Eu acho que no mundo não há razão para um sobrepor-se ao outro. O homem não se pode achar dono de tudo, porque para ele existir é houve antes uma mulher. E esta não pode pensar que foi feita para servir, ela tem a sua parcela. A natureza já criou as condições para que cada um assuma a sua função no mundo. Se a mulher tem inteligência por que não pode aprender? Se a mulher tem voz por que não pode cantar ou expressar os seus sentimentos?

Se é verdade que a mulher é um ser inferior, que deve ser humilhado, o que seria um mundo sem mulheres, só com homens? E há ainda outros contextos em que as pessoas são catalogadas em função da cor da pele. Se Deus me



fez negra, só ele sabe porquê. Porquê alguém me pode vir dizer que ele é melhor que eu. Aquele que se julga letrado, que estudou nas academias olha para outro como se nada fosse. Porquê?

Por dominar o conhecimento...

Que conhecimento? Há uma coisa de que gosto quando vou a certas zonas rurais. Uma vez eu estive na reserva do Gilé. Quando chegámos, a primeira coisa que nos disseram é silenciar os telefones, desligar os flashes das máquinas fotográficas e proibiram-nos urinar em qualquer sítio. Devia-se seguir o guia. Então naquela fronteira, toda a sabedoria adquirida cai porque estamos a

entrar num território em que há outro tipo de sabedoria.

Outra coisa que gosto de dizer: veja que um chefe de Estado, todo-poderoso, os militares, os magnatas, todos esses quando no avião recebem ordens e obedecem. Ordem para sentar, ordem para comer, etc.

Com isso quero dizer que existe mundo dos que se julgam letrados, que é bom, que dá benefícios, mas existe o mundo daquele indivíduo não letrado, mas que tem a sabedoria que lhe vai fazer sobreviver.



A ideia de colonização não está só com os brancos ou com os homens. Pode comentar, tomando em consideração, o caso do livro Niketche?

As mulheres que se sobrepõem às outras. Para mim, a questão é seguinte: todos os seres nasceram para a liberdade e cada um nós, no seu cotidiano, tem que lutar para ter essa liberdade. E ter um lugar para existir. Muitas vezes, pelas dinâmicas da vida, há sempre aqueles que se querem sobrepor aos outros. O racismo, o tribalismo, o machismo e outras formas de discriminação são lutas de interesse. O negro tem que lutar para ter o controle sobre si e não permitir que o outro possa invadir o seu espaço. A mulher deve ter consciência da sua liberdade, seu valor para não se deixar subjugar àquela mulher que se julga Dona. Esta é a dinâmica da vida. Nesta coisa de conflitos entre homens e mulheres, o que chamo atenção é a necessidade da mulher sentir a sua força e sentir o seu lugar no equilíbrio do mundo.

E os desequilíbrios também acontecem na relação entre as profissões?

Sim. Os médicos, governadores, acadêmicos, etc. acham que os artistas acham são marginais. Mas o que é um médico sem música? No momento de rebaixamento, aquele som que lhe suaviza a alma, quem o produz? É o artista. Como ele se pode considerar superior àquele que lhe faz a massagem do espírito.

Qual é o fim último da sua escrita? Pretende mudar alguma coisa na sociedade?

Meus escritos não são para mudar nada, são apenas uma contribuição para uma reflexão, e esta reflexão pode conduzir para uma nova visão. E quero confessar, com toda a certeza, que Niketche é um livro que criou reflexões. Se criou mudanças, isso não sei.

A propósito, este livro está ser adaptado para telenovela no Brasil. Como se sentiu quando soube disso?

A minha surpresa foi boa demais. Primeiro porque o elen-

co que está trabalhar para a telenovela é do alto nível. Não acreditei que fosse verdade aquilo que eu vi.

Recentemente uma delegação de escritores moçambicanos foi homenageada no Festival Literário de Poços de Caldas (Flipoços 2017) que decorreu no Brasil. Que memórias guarda deste festival?

Foi bom, bom demais. É muito bonito um país apresentar-se ao outro através da voz dos seus artistas. Foi um acto sublime, foi o reconhecimento de que nós como povo existimos. Afinal, nós moçambicanos também produzimos valores que são reconhecidos além-fronteiras.

Eu considere aquele festival um momento muito nobre. Note quando se fala de África, fala-se da fome, das epidemias, da pobreza, etc. Mas nós fomos para o Brasil, levando a alma e a sabedoria do nosso povo.

Brasil. Moçambique

Conexões literárias em Do Índico e do Atlântico

Com o principal intuito de estreitar laços culturais entre o Brasil e Moçambique, sobretudo o literário, as editoras Malê e Fundza lançam a antologia Do Índico e do Atlântico com escritores e escritoras do Brasil e de Moçambique.

Com a aproximação do escritor Moçambicano Dany Wambire com o Brasil e a publicação de suas obras e suas passagens pelo nosso país, deixou claro a falta de conhecimento da literatura contemporânea produzida em seu país, assim como também acontece em Moçambique com a falta de conhecimento de escritores brasileiros contemporâneos.

Fazendo então surgir a ideia de apresentar os escritores brasileiros para os leitores de Moçambique através da publicação da antologia pela editora Fundza, bem como a publicação de escritores moçambicanos, apresentando-os para um público leitor através da edição da editora Malê.

Os contos demonstram uma variedade de gêneros e narrativas e mantendo as variantes da língua portuguesa falada no Brasil e em Moçambique para uma maior incursão a literatura produzida em cada país.

O escritor Dany Wambire, responsável pela seleção dos escritores moçambicanos, trouxe uma seleção com uma diversidade literária instigante em contos que apresentam grande domínio técnico narrativo e estilos bem definidos de cada escritor. E o editor Vagner Amaro, responsável pela organização da antologia e seleção dos escritores brasileiros, nos apresenta escritores e escritores sensíveis e hábeis, que por temáticas, estilos e apuro técnico, contribuem em textos ficcionais, com muito do que há de mais interessante na nossa literatura atual.

Além dos contos publicados na antologia, no início do livro há um breve estudo escrita por Vagner Amaro que nos apresenta de forma abreviada um pouco da produção literária contemporânea em Moçambique e no Brasil para que possamos compreender melhor a proposta inicial da coletânea e estreitar ainda mais os laços entre os dois países e suas literaturas.

Apresentamos aqui os autores que compõe Do Índico e do Atlântico, bem como seus contos pela ordem que se apresentam no livro:

Do Índico:

Mia Couto (1955).

Escritor, professor, jornalista e biólogo. Estreou na literatura com um livro de poesia, Raíz de Orvalho, publicado em 1983 e no conto, com o livro Vozes Anoitecidas, em 1986. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Prêmio Camões, em 2013. No conto "Rosalinda, a nenhuma", o autor narra de forma metafórica uma história de amor póstumo, mas também de busca pela identidade.

Diogo Araújo Vaz (1978).

Escritor e gestor. Estreou na literatura com Contos de Guicalengo (2010) – Prêmio Minerva Central 100 anos e Maria Odete de Jesus. Em "Apocalipse", o autor narra a atuação do homem no mundo, o antropocentrismo e a necessidade de se buscar um sentido, uma invenção para explicar as desmedidas humanas em relação à natureza.

Lançamento

Título: Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos

Organização: Vagner Amaro

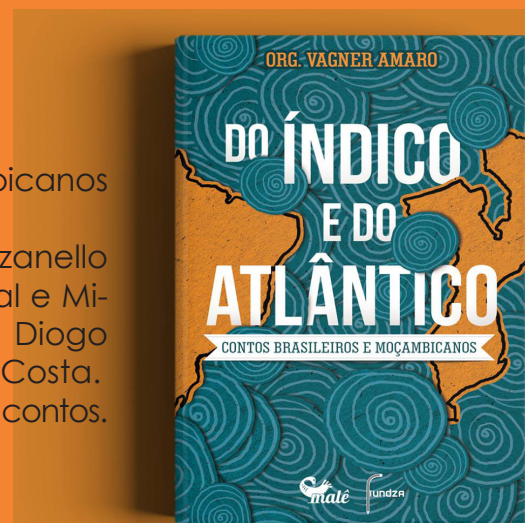
Autores: Conceição Evaristo, Marcelo Moutinho, João Anzanello Carrascoza, Rafael Galo, Eliana Alves Cruz, Cristiane Sobral e Miguel Sanches Neto; Mia Couto, Lília Momplé, Alex Dau, Diogo Araújo Vaz, Dany Wambire, Carlos dos Santos e Daniel da Costa.

Assunto: Literatura brasileira - contos; Literatura moçambicana - contos.

Páginas: 139

ISBN: 978-859-2736-38-5

Editora: Malê



Carlos dos Santos (1962).

Escritor e professor, formado em Psicologia e Pedagogia. Estreou com o romance de ficção científica A quinta dimensão (2006). No conto "O ilusionista", Carlos dos Santos apresenta uma experiência com o fantástico quando uma menina vai até o galinheiro buscar ovos para a mãe.

Lília Momplé (1935).

Escritora e professora. Entre 1995 e 2001, exerceu a função de secretária-geral da Associação dos Escritores Moçambicanos. Estreou com o livro Ninguém matou Suhurra (contos, 1988); na sua obra também se destacam Neighbours (romance, 1996) e Os olhos da cobra verde (contos, 1997). Em "Stress", um professor comete um crime quando é interrompido de assistir a televisão; uma vizinha testemunha o assassinato.

Daniel da Corta (1966).

Escritor, professor, jornalista e diplomata. Estreou em 2003 com uma coletânea de crônicas, Xingondo. Em "A flauta do Oriente", o velho Saguete consegue domar a sua dor com o recurso de uma flauta importada da Índia.

Dany Wambire (1989).

Escritor e professor. Estreou em 2013, com o livro A adubada fecundidade e outros contos. É diretor da revista Soletras – a sopradora de letras. Em "A mulher sobressalente", Dany apresenta a tensão entre tradição e contemporaneidade, quando uma mulher precisa retornar para

sua aldeia, obedecendo às ordens de seu pai.

Alex Dau (1972).

Estreou em 2014, com a obra Reclusos no tempo. Em "Menina Teresinha", Alex Dau apresenta a história de uma menina de quinze anos e seus pequenos desafios para cuidar do pai que tanto ama.

Do Atlântico

Eliana Alves Cruz (1966).

Escritora e jornalista pós-graduada em Comunicação Empresarial. Foi vencedora do concurso de romances da Fundação Cultural Palmares/MINC em 2015, com o romance Água de Barrela. Em 2018, publicou pela editora Malê o romance O crime do Cais do Valongo. Em "Noite sem lua", Eliana apresenta as angústias de Marilene diante de uma sociedade que discrimina a sua cor.

Cristiane Sobral (1974).

Escritora, dramaturga e atriz. Estreou na literatura em 2010, com o livro de poemas Não vou mais lavar os ratos. No conto "223784", a escritora narra uma relação de afeto e cumplicidade entre pai e filha. A relação é afetada pelo relacionamento amoroso inter-racial da filha.

Rafael Gallo (1981).

Escritor, autor do romance Rebentar (2015), livro vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura e de Réveillon e outros dias (2012), livro vencedor do Prêmio Sesc de Li-

teratura. Em "Corte", Rafael Gallo conta a história da relação de uma avó com a sua neta afrodescendente.

Miguel Sanches Neto (1965).

É escritor, professor universitário e crítico literário. Estreou com o romance Chove sobre minha infância (2000). Em "Sabor", o escritor narra as experiências de três meninos quando testemunham duas cenas de morte.

Marcelo Moutinho (1972).

É escritor e jornalista. Estreou com o livro de contos Memória dos barcos (2001). Oxê é um machado de dois gumes, no candomblé é chamado de machado de Xangê. O conto "Oxê" de Marcelo Moutinho se passa na história derrota do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014, sob a perspectiva de um segurança apaixonado.

João Anzanello Carraschoza (1962).

É escritor e professor universitário. Estreou com o livro Hotel Solidão (1994). No conto "Dias Raros", Carraschoza narra a visita de um menino a sua avó e as descobertas que surgem da relação de afeto que se instaura entre eles.

Conceição Evaristo (1946).

É escritora e professora. Estreou com o romance Ponciá Vicêncio (2003). No conto "Os pés do dançarino", Conceição Evaristo apresenta a história de Davenir, exímio dançarino, e a necessidade de um reencontro com sua ancestralidade.

CAPA

Revista Mahin: Como surgiu a ideia de escrever Livro do avesso, o pensamento de Edite?

Elisa Lucinda: Edite nasceu espontaneamente, eram anotações de um certo avesso. Apontamentos de um cotidiano numa hora em que eu me sentia muito pressionada: escrevia o Fernando Pessoa, meu primeiro romance, e tinha um prazo para entregar a revisão de um outro livro por uma outra editora. Isso foi criando um tumulto no meu peito e um certo sufocamento. Explico: toda poesia que ameaçava nascer dentro de mim, ia logo para a boca enorme do romance. Tudo que eu pensava poeticamente acabava indo fazer parte de um capítulo, de uma cena do Cavaleiro de Nada. As outras horas eram dedicadas à revisão do outro livro. Então que horas eram minhas? Comecei então a fazer umas anotações de um modo quase escondido de mim. Ninguém podia saber que eu estava escrevendo outra coisa além das encomendas já em curso; nem eu. Então, qualquer pensamento que passasse na minha cabeça e que fosse simples, livre, solto, eu comecei a anotar. E tudo começou com um sonho que tive. Foi aí que eu vi Edite aparecendo, surgindo. Avistei sua lógica, seu funcionamento. Uma personagem caleidoscópica da qual eu anotei umas 113 observações de sua mandala existencial. Logo percebi também que



Elisa Lucinda

Nesta entrevista a escritora comenta sobre seu segundo romance, Livro do avesso, o pensamento de Edite. Confira!

as vozes que moravam com a Edite precisavam sair de casa. É um livro despretensioso e isso faz dele pra mim, um filho muito legítimo. Brotou.

Revista Mahin: E quando você decidiu que seria um romance?

Elisa Lucinda: A maioria das passagens tiveram seu nascedouro na realidade. Viraram ficção quando se tornaram literatura. Agora eu acredito até no que inventei. Acredito na Edite. Eu não sabia que era romance. A princípio pensei: é um livro de prosa, um certo diário, uma conversa banal de alguém com a própria vida, mas quando Edite se configurou se apresentou como narradora do começo ao fim. Não havia dúvidas. O que ficou pronto foi um romance. Esse livro nasceu pronto. Mistério.

Revista Mahin: Entre o romance e a poesia, qual o gênero que você mais se identifica?

Elisa Lucinda: Eu gosto dos dois. Mais o que acontece no romance é uma questão de

extensão do campo. A poesia tem mais compromisso com a síntese. É difícil suportar um poema de 120 páginas, mas no romance é perfeitamente comestível, palatável! O romance não tem limite, tem um outro time para a riqueza de detalhes porque, se precisar, o romance usa uma, duas, três páginas para descrever uma cena de amor. Enquanto na poesia sou mais impressionista, tenho menos espaço. a questão é que o poeta já é, por prática, um experiente narrador. Quando ele vira romancista, se espalha. Mas a poesia é um olhar, um jeito de olhar, um viés. Por isso que minha prosa é sempre vista pelos críticos e pelos fãs como uma prosa poética, o que muito me alegra e me agrada. No entanto, Livro do avesso, o pensamento de Edite, é um livro de preço acessível e acho que é o meu livro mais magro de páginas. Flávia Oliveira, nossa queridíssima jornalista, economista e grande observadora sociológica da história brasileira, disse que é livro pra se ler de uma sentada só. Confio. Tomara que Edite possa abrir o avesso de outras mulheres, e outros homens, e outros seres.

Revista Mahin: E como foi o processo de criação do romance?

Elisa Lucinda: Uma libertação. Fernando era uma delícia. Escrevê-lo em primeira pessoa me fez usar de práticas teatrais e aplicá-las na literatura. investigar para sê-lo. Ser ator é ser o outro. Eu escrevia brincando de ser

Fernando Pessoa, tentando pensar como ele, o pensamento opiário, um pensamento ébrio, um pensamento homossexual, um pensamento judeu português e acima de tudo um pensamento de um poeta foda. Foi uma tese, uma faculdade, uma viagem longa que fiz ao país daquela alma. E aquilo tomou muito minha existência, meu espaço interno. Edite era a minha transgressão, minha subversão, o porão de mim.

Revista Mahin: O livro apresenta a partir da protagonista uma voz literária feminina muito marcante. Foi uma escolha intencional?

Elisa Lucinda: É interessante também que essas vozes possam sair de dentro de mim através da Edite porque elas marcam uma grande transformação no feminino desde quando eu era criança. No meu inconsciente moram e eu testemunhei tias, vizinhos, dias riquíssimos dos subúrbios daquele tempo onde a histeria era mais alegórica ainda porque as mulheres eram muito castradas e oprimidas em suas potencialidades. O livro é um brinde à libertação feminina, de uma certa forma. Edite não é uma ativista, oficialmente falando. Seu discurso não é panfletário, ela não está num comício, todas as suas observações políticas são ditas de um ponto de vista muito íntimo e pessoal. Não tem grandes extensões teóricas. Não fica em silêncio Edite é singela na sua compreensão do mundo e esse pra mim é o seu charme.

Trecho de Livro do avesso, o pensamento de Edite

Ontem não aguentei. Olhei pra ele e falei: Você me desperdiça, não me aproveita. Enche de ausência nosso amor. Não quero mais, pra mim é pouco. Então eu vou ficar com você mas vou dormir com outros homens também, tá? Você não dá conta sozinho do serviço. Paciência. Tô na pista! Você está me ouvindo?

Claro que ele não está me ouvindo, não sou doida de falar isso na cara dele. Se eu falar ele vai embora. Não quero que ele vá embora assim, por ele. Só quando eu mandar. Ai, por que pensei isso? Devia ter uma caixinha no canto da gente só para pensamento feio, aí nem eu ia saber deles. Ainda bem que a Voz não está me escutando. Onde será que ela fica quando ela não está aqui? Eu hein, vou sair, estou com medo de mim.

Título: Livro do avesso, o pensamento de Edite.

Autor: Elisa Lucinda

Editora: Malê

Assunto: Romance brasileiro; cultura brasileira

Formato: 14x21

Páginas: 156

ISBN 978-85-92736-35-4



Elisa Lucinda nasceu em Vitória (ES), onde se formou em jornalismo e chegou a exercer a profissão. Atua em teatro, cinema e televisão, publicou seu primeiro livro de poesia “A lua que menstrua”, em 1992.

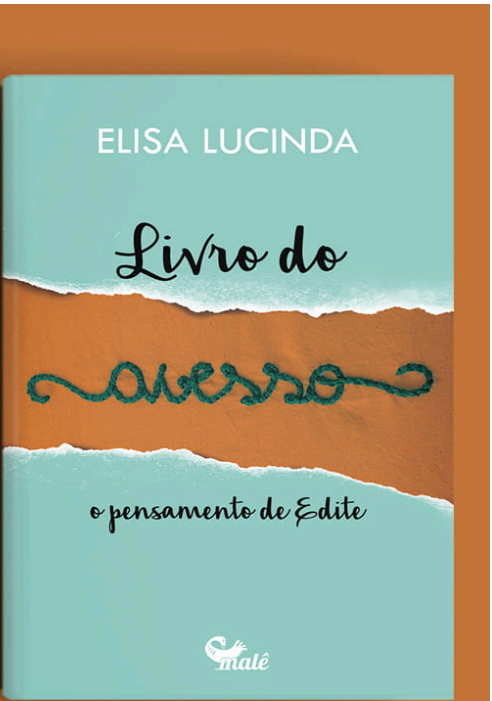
Conheça os outros livros de Elisa Lucinda

Sósia dos sonhos. Produção independente. 1994; O Semelhante. Rio de Janeiro: Record, 1999; Euteamo e suas estreias. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Coleção Amigo Oculto (infantojuvenil): O órfão famoso. Rio de Janeiro: Record, 2002; Lili, a rainha das escolhas. Rio de Janeiro: Record, 2002; O menino inesperado. Rio de Janeiro: Record, 2002;

A menina transparente. Rio de Janeiro: Record, 2010. (Prêmio altamente recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e juvenil – FNLIJ.); A dona da festa. Rio de Janeiro: Record, 2011.

50 Poemas Escolhidos pelo Autor. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2004; Contos de Vista. São Paulo: Global, 2005. (Primeiro livro de contos da autora); A fúria da Beleza. Rio de Janeiro: Record, 2006; A poesia do encontro. Com Rubem Alves. São Paulo: Papirus, 2008; Pa-rem de falar mal da rotina. Rio de Janeiro: Leya, 2010; Fernando Pessoa, o Cavaleiro de Nada. Rio de Janeiro: Record, 2014; Vozes Guardadas. Rio de Janeiro: Record, 2016.





produzindo novos reflexos na escrita feminina

Cristiane Sobral é uma escritora, atriz e professora de teatro. Nasceu no Rio de Janeiro e, atualmente, reside em Brasília. Iniciou sua carreira como escritora em 2000 publicando nos Cadernos Negros onde publica até hoje. Possui dois livros de poemas e dois de contos, sendo o mais famoso deles o livro de poemas "Não vou mais lavar os pratos", que já está em sua terceira edição. O referido livro traz poemas que tratam de vários assuntos, como maternidade, amor, beleza, cabelo da mulher negra, relações de gênero e empoderamento feminino. É um livro muito rico e completo, assim como toda a obra de Sobral. Os contos também são profundos e trazem à tona, para discussão e reflexão, aspectos reais da vida de negros e negras.

Nestas breves considerações sobre a autora, iremos nos referir apenas a alguns aspectos de sua obra poética.

A relevância da obra poética de Cristiane Sobral está pautada em seu engajamento político e social, em seus textos que mesclam crítica e suavidade e ainda possuem uma linguagem atual, fácil e motivadora. Os textos de Sobral transgridem as representações estereotipadas, privilegiando a beleza, a cultura e a intelectualidade das mulheres negras. Em seus poemas, a autora combate o preconceito e o racismo e propõe uma nova visão sobre a mulher negra brasileira.

O processo do racismo, dentro de uma perspectiva de gênero, "coisificou" a mulher negra e deu-lhe uma inferioridade que justificou, durante muito tempo, (e ainda justifica) os abusos domésticos e de origem sexual. De acordo com bellhooks (1995, p.468) "perpetua uma iconografia de representação da mulher negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros".

A visão de uma mulher negra, sem estereótipos racistas, vem tentando conquistar seu espaço na Literatura através de escritoras como Cristiane Sobral, que retrata a mulher negra num papel de luta e resistência. Tal novo paradigma de mulher negra seria um indivíduo dotado de desejos, sentimentos, capaz de intervir positivamente

na sociedade, construir uma família, uma carreira, enfim, ser o que ela quiser ser. A construção dessa nova visão da mulher negra é urgente e a poesia é um campo fértil para tal. Para a professora e pesquisadora sobre Literatura afro-brasileira Zilá Bernd "a proposta do eu lírico não se limita à reivindicação de um mero reconhecimento, mas amplifica-se, correspondendo a um ato de reapropriação de um espaço existencial que lhe seja próprio" (1988, p.77). Como ratifica Sobral "Nunca mais aceitarei a sua visão deturpada das coisas que fere e mata. Agora serei a protagonista" (2011, p.87). Através dos textos em que a mulher negra assume seu lugar de fala e de pertencimento, ela poderá ser capaz de recuperar sua história e sua imagem.

Para fomentar essa Literatura transformadora, é essencial que as mulheres negras ocupem o lugar de intelectual, que, segundo bellhooks, "é uma parte necessária da luta pela libertação, funda-

mental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito" (1995, p.466). Para a autora, a reflexão e o posicionamento intelectual de mulheres negras, inspiram outras mulheres negras, e este fato, tira essa mulher de uma posição de inferioridade, obscuridade e abnegação, na qual ela foi colocada pela sociedade racista e machista. Concomitantemente, Sobral afirma "Ao escrever procuro palavras como quem monta um quebra-cabeça, num exercício de imaginação e sensibilidade. Escrever é o meu grito de liberdade". (2011, p.123)

É justamente por isso que a obra poética de Cristiane Sobral é tão significativa, pois busca nitidamente inspirar as mulheres leitoras a se conhecerem (ou se reconhecerem), se aceitarem e se posicionarem diante desse mundo de preconceitos e racismo.

Para que seja possível romper com paradigmas e posturas consolidadas numa sociedade, é preciso muita



coragem. Coragem para se posicionar de forma contrária ao esperado, criando uma nova rota, um caminho de fuga, que aqui é a criação de novas possibilidades e novos sujeitos. E é justamente nesta perspectiva, que os poemas de Cristiane Sobral desconstróem uma estética padronizada da Literatura, gerando uma força propulsora para a criação de uma nova Literatura Negra, com estilo próprio, ousado e moderno.

Abordar tais temas, que não se enquadram numa perspectiva tradicionalista e pré-determinada, é ousar e

demonstrar clareza de opinião e posicionamento frente à vida. A autenticidade dos escritos de Sobral é o que agrega mais valor à sua obra.

Cristiane Sobral arrisca e faz de suas experiências, uma obra de arte cheia de energia e substância, rica em criatividade e polimento, portanto merece o nosso estudo, nossa atenção, nosso deleite e nossa reverência. “Brinda-se pelas páginas o ato, o ato-escrever, quando por tal atitude se unem ao pensar e ao expor, audácia, radiância, agudeza, entrega” (PUCHEU, 2007, p. 5).

Cristiane Veloso de Araujo Pestana é mestre em Estudos Literários e Especialista em Literatura e Cultura Afro-brasileira pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v.3, nº 2, p. 464 – 478, 1995.

SOBRAL, Cristiane. **Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção**. Brasília: Dulcina Editora, 2011.

_____. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Dulcina Editora, 2011.

_____. **O tapete voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz**. Brasília: Ed. Teixeira, 2014.

PUCHEU, Alberto. **Pelo colorido, para além do cinzento (quase um manifesto)**. In: *Pelo colorido, para além do cinzento (a literatura e seus contornos interventivos)*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007, p.11-26.

IMPRESSÕES



Conceição Evaristo

Por Eduardo de Assis Duarte



O ano de 2017 ficará marcado na história da literatura afro-brasileira pela visibilidade midiática alcançada pelos autores negros participantes da Festa Literária de Paraty, em especial Conceição Evaristo. Ao lado de Lima Barreto, autor homenageado e contemplado com reedições de sua obra e com uma

nova biografia; e ainda de Edimilson de Almeida Pereira, Ana Maria Gonçalves e Lázaro Ramos, Conceição Evaristo chamou a atenção do público e da crítica para o vigor e a potência da vertente afro da literatura brasileira.

Coincidência ou não, a data marca o centenário de morte da pioneira Maria

Firmina dos Reis – autora de *Úrsula* (1859) e primeira mulher a escrever um romance abolicionista em português. Conceição segue a trilha de Firmina e de outras precursoras e traz para a construção do texto o que ela mesma teoriza como *escrevivência* – diálogo constante da escrita com a memória e as li-

ções do vivido. Se, nos versos de Poemas da recordação e outros movimentos, ela afirma querer “morder a palavra” para sorver o “tutano do verbo” e “versejar o âmago das coisas”, nos romances e contos não é diferente. Em suas estórias, ela sorve o tutano de uma memória pessoal e coletiva e constrói enredos que impregnam para sempre as memórias dos leitores.

Que o diga Ponciá Vicêncio, do romance homônimo (2003), herdeira dos horrores do cativo, a viver a favela como atualização da senzala, e a trazer para o século XXI um passado que não passa e que a emudece perante a violência e a desigualdade; ou Maria Nova, de Becos da memória (2006), menina-mestra da resistência frente à voracidade capitalista que passa por sobre barracos e vielas, crianças e velhos, feito trator a refazer a paisagem removendo a incômoda gente “diferenciada”. Em ambos os romances emerge o espaço da ocupação e da moradia precária como resultado do processo de modernização excludente, já encenado feito nervo exposto nos diários e na ficção de Carolina Maria de Jesus. E em ambos o texto dialoga com o vasto arquivo humano construído em séculos de escravidão e de seu irmão gêmeo, o preconceito de cor. E em ambos ouve-se a fala do Outro, na contracorrente das metanarrativas do país tropical, “abençoado por Deus e bonito por natureza.”

Nos contos de Insubmissas lágrimas de mulheres

(2011), do premiado Olhos d’água (2014) e de Histórias de leves enganões e pareências (2016), ouvem-se as mesmas “vozes mulheres” a costurar enredos cravados nas falas subalternas ansiosas por ouvidos que deem atenção ao drama que começou lá atrás, nos porões dos tumbeiros. Vozes como a de Maria ou de Ana Davenga, de Olhos d’água, surpreendidas (juntamente com os leitores) pela irrupção da barbárie no cotidiano aparentemente prosaico da metrópole contemporânea. Vozes que remetem a falas ancestrais e que clamam aos “malungos, broders, irmãos” – também eles vítimas, mesmo quando instrumentos da violência – por uma vida diferente, a ser construída na superação. Mulher conectada a “seu tempo” e a “seu país”, para ficarmos com a síntese centenária do irmão de cor e pai de Capitu, Conceição Evaristo trata a ficção como tecelã a unir documento e invenção, lastro histórico e crítica social. Esquecida da triste “arvore do esquecimento”, nos acorda a cada dia para a crueza que nos cerca e quase não percebemos. Tudo isto, sem perder a ternura jamais.

BH, inverno de 2017.

Nos becos da Memória

Por Aline Arruda

Conheci Ponciá Vicêncio antes de conhecer Conceição Evaristo. Foi numa disciplina de literatura na UFMG, ministrada pelo professor Eduardo de Assis Duarte. Meu encanto foi tamanho, que resolvi inseri-lo no meu projeto de mestrado. Isso foi em 2004! Eu nunca tinha ouvido falar de Conceição antes disso. Ponciá e sua família, com suas idas e vindas no “trem negreiro” me acertaram em cheio na alma. A linguagem poética, o lirismo conjugado à violência e o enredo crítico me tiraram do lugar e encontraram meu apreço pela cultura afro-brasileira. Meses depois eu conheci a escritora. Apresentadas pelo meu orientador, antes de levá-la em casa, convidei para uma entrevista informal. Na minha cozinha, conversamos sobre o livro, sobre nossas vidas, nossas semelhanças. Era também um encontro de almas. Teimosa que só, Conceição não me confirmava algumas suspeitas estéticas sobre o livro, ria e me levava para outro lado dos bastidores de sua escrita, de sua escrevivência. Entre um gomo e outro de mexerica, eu me encantava com a doçura e simplicidade da autora que eu havia canonizado em minha mente. Outros encontros vieram... no seminário Mulher e Literatura no Rio de Janeiro, em 2005, ela foi me assistir numa comunicação sobre

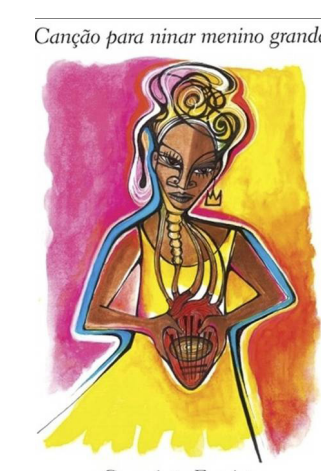
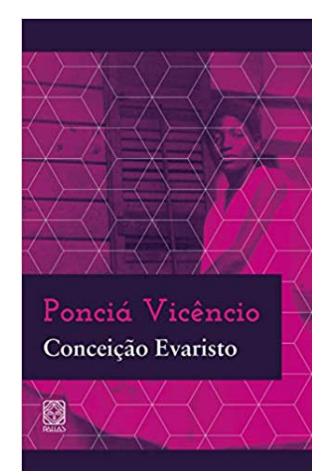
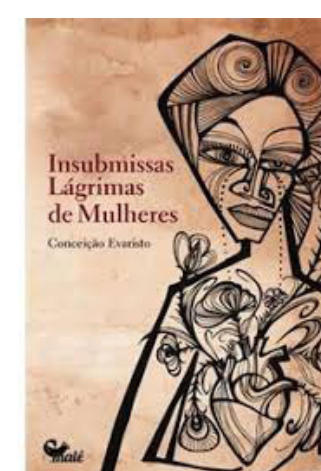
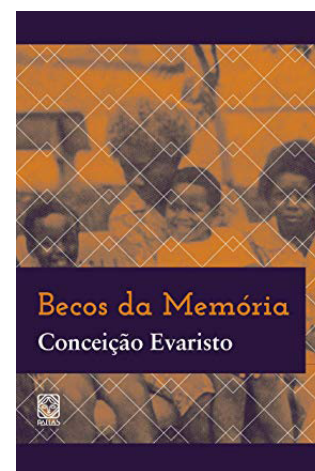
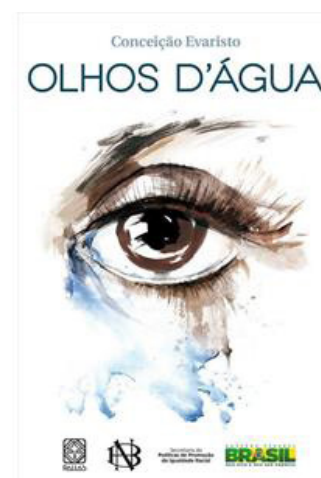
Ponciá. Emocionada, verteu lágrimas, vertemos. Lá estavam ainda Miriam Alves, Mãe Beata de lemonjá, escritoras negras num evento de maioria branca, era um passo ainda tímido comparado a uma FLIP como a deste ano, entretanto, era um regozijo para a literatura de escritores e escritoras negras e para nós pesquisadores. Naquela ocasião ainda era necessário apresentar Conceição Evaristo, contar de sua biografia, resumir o livro. Imaginem que hoje há até cerveja feminista em seu nome! Maravilha!

Em 2017, quando visito a Ocupação Conceição Evaristo na Avenida Paulista, gigante insígnia da megalópole São Paulo, outra emoção me invade, uma alegria sem

tamanho ao ver reconhecida uma das melhores escritoras contemporâneas brasileiras. Passo pelas fotos e vídeos, inebriada. À medida que leio sua história, leio também a de nossos ancestrais, a de nossas lutas e conquistas diárias em sala de aula, congressos e grupos de pesquisa. As cores da exposição revelam uma boa notícia em meio às desoladoras que nos cercam nesses tempos. Os manuscritos são arquivos de uma escrita que perpetua a de Maria Firmina dos Reis e Auta de Souza, passa por Carolina Maria de Jesus e encontra Mirians, Esmeraldas, Lívias, Lias, Anas, Julianas, Cristianes, e tantas negras literatas que escrevem a mesma história.

Ousam dizer que elas não

fazem literatura. Questionam se há de fato “estética” em suas obras, sem lê-las! Ironizam as presenças suas com piadas sobre cotas. Julgam-lhes ser melhor não inserir prefixo, cor ou gênero para suas literaturas. No entanto, elas ocupam a TV, até o apresentador de Big Brother é obrigado a entrevistá-las. Aparecem nos textos acadêmicos, viram tema de disciplinas nas graduações, são ilustradas em quadrinhos, compõem livros e participam de feiras, festivais literários e mostras. No slam poético, levantam as vozes múltiplas. Nos becos da memória, contam sobre as insubmissas mulheres, poetam pelo mundo e provam que vieram para ficar.



Dany Wambire

Por Simone Ricco

A escrita de Dany Wambire pode ser acessada em diferentes formatos de textos publicados em jornais e revistas de Moçambique, em antologias, na mídia digital e no livro infantil Quem Manda na Selva (2016). Lançada no Brasil, a obra *A Aduhada fecundidade e outros contos* apresenta aos leitores brasileiros a ficção produzida por este jovem autor, que mereceu de Mia Couto a seguinte observação: “percebe-se que não está apenas à busca de um modo de dizer: ele tem uma raiz que é sua, um traço estilístico que define sua identidade.”

Neste primeiro livro dedicado ao público adulto, Wambire ergue fictícias paragens – como cidade de Independência, Demolido e Fim-de-Mundo – pontos de partida para adentrar cenários, memórias e histórias que remetem a Moçambique. Os nomes dessas cidades, povoados e bairros suburbanos configuram pistas para decifrar a realidade que serve de terra fértil para Wambire criar sua ficção adubada por elementos coletados na tradição, como Nhamussoros, curandeiros e pitadas de sabedoria ancestral.

A estrutura dos doze contos ressalta a escolha do diálogo com a tradição existente em um modo karingana de contar – em conformidade com a palavra que significa licença para contar histórias. Wambire reconfigura as fórmulas usadas na abertura das narrativas orais, transformando-as em epígrafes que ajudam a entender a subjetividade de narradores e personagens, sinalizando a necessária atenção ao texto e ao contexto, pois como sentenciava Cristoamo Martírio, “Olhar, olha-se sempre. Mas ver, é às vezes”.

Em cada conto, Wambire “passa a visão” trazida por diversas vozes periféricas que, a despeito de sua condição econômica, encontram-se distantes da “verdadeira pobreza, aquela que vem de dentro do indivíduo”. Contista hábil, transforma em fortuna os dilemas, relações, contradições e escolhas de Gustavo, Luísângela, Josabela, Almerda, Estêvão Saudade, Geraldinho Saudoso, Jesustóvão, João Forasteiro e outros sujeitos das histórias que entrelaçam diferentes tempos e espaços de um território que adota “modos da modernidade”, sem descartar a orientação tradicional. O autor posi-

ciona seus personagens nesta encruzilhada, que convoca a decidir por ser ou não ser; ou como ser. Dessas questões, o contista extrai episódios oportunos para reflexão e para a efabulação produzida com sequências narrativas moldadas por ironia, dramaticidade e um realismo poético que configura momentos de encantamento.

Sua ficção é convite para “deslocações” geográficas, como as que movem o protagonista do conto “Amor proibido” em seu percurso por uma “terra que assemelhava-se a um mar, recebendo e acolhendo o que era conduzido pelos rios”. O texto flui – com acidez, com ternura. É acolhida e viagem, tráfego por entre calamidades naturais – secas, inundações, e calamidades naturalizadas por ações produtoras de “Um gueto sem saída” que serve a Wambire como terra fértil, barro para a (re)criação de uma paisagem natural e humana que ele converte em manancial de expectativas atendidas no desenvolvimento das tramas, ou quebradas por acontecimentos e desfechos surpreendentes, decorrentes de uma fecundidade narrativa adubada pelo imaginário repleto de grande simbolismo.

Título: A adubada fecundidade e outros contos

Autor: Dany Wambire

Assunto: Literatura Moçambicana

ISBN: 9788592736101

Idioma: Português

Formato: 14 x 21

Páginas: 92

Ano de edição: 2017

Edição: 1ª



Título: O Canto dos Escravizados
Autora: Paulina Chiziane
Editora: NANDYALA
Edição: 1
Ano: 2018
Idioma: PORTUGUÊS
ISBN: 8583580367
Páginas: 168

Paulina Chiziane

canta liberdade em novo livro

Em 122 páginas, a consagrada escritora moçambicana Paulina Chiziane decidiu compor uma canção para os 'escravos' deste século, apelando à sua liberdade. "O canto dos escravos", é o título da canção, ou melhor, do livro, que será lançado neste mês em Maputo, capital de Moçambique.

O livro lembra a falta de liberdade a que estiveram votados muitos escravos africanos, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, mas não é isso que se trata na obra, segundo a autora. "Não estou a falar do passado", rematou.

Está a chamar atenção, prosseguiu a escritora, para a importância da preservação da liberdade para todos os indivíduos, tendo um olhar para a linha da nossa história. "A liberdade é uma coisa que temos hoje, mas se não soubermos cuidar dela podemos perder", recordou a artista moçambicana, uma das mais aclamadas pelo público brasileiro.

"O canto dos escravos" é composto por sete livros, nomeadamente: testamento;

canto de dor e desespero; canto de resistência; transcendência; canto de liberdade; à volta da fogueira e canto de esperança, temas a ser estudados por uma vítima da escravatura, processo histórico que, de acordo com a autora, pode reavivar a história de Moçambique "na memória de África e do Mundo".

O livro está escrito em versos, mas a escritora adverte que "qualquer semelhança com a poesia é pura coincidência", diluindo, deste modo, as fronteiras entre as expressões artísticas. "Às vezes, nós colocamos fronteiras entre diferentes expressões artísticas. Para mim, isso não existe", disse.

A arte, continuou a escritora, é a essência e a expressão da mesma arte é que faz um indivíduo se empacotar ou dizer que tem capacidade para escrever ou fazer outra coisa. A autora lembrou que o seu espírito artístico lhe faz expressar na forma de escrita, mas se for impedida, por alguma razão, de escrever, poderá eventualmente

colocar o pensamento que estaria no papel literário na voz ou numa tela.

Para a escritora, insistiu, o mais importante é a liberdade. Como é importante para o negro, que "não se sente humano", segundo a autora, por ter sido vulgarizado durante séculos. "A vida de um negro é uma busca de ser o outro, de deixar de ser ele mesmo", desabafou para depois trazer provar o que disse:

"Estão aí nas farmácias pomadas para clarear a pele. E as mulheres vão atrás destas pomadas porque na sua concepção o escuro não é humano. O exemplo dos cabelos é o mais flagrante, as pessoas querem ter o cabelo do outro. O cabelo do negro tornou-se uma espécie de estigma" concluiu.

Esta mais recente obra de Paulina Chiziane foi publicada no Brasil, sob o título "O canto dos escravizados", sucedendo, deste modo, "As andorinhas".

A calma permanece

(variação sobre o fim do mundo)

A rua está calma. Uma qualidade estranha para se atribuir a um lugar. Talvez porque seja um atributo não do espaço, mas dos elementos e seres que o ocupam. Veem-se os cachorros e seus donos no passeio matinal, as conversas triviais de esquina, zeladores de prédios ocupados na varredura de calçadas, a gente saindo das casas para os afazeres do dia.

Helicópteros e aves desavisadas compõem o céu do bairro desde as 5 da manhã. Há estrondos de morteiros, barulho de rajadas de fuzis e sinais de fumaça vindo de longe. A calma não tem relação necessária com o som. O ritmo nem lento nem apressado em

que corre a vida dita o nível de normalidade. Portanto, tudo tem a ver não apenas com os seres e os elementos no espaço; mas também com a velocidade.

A ordem segue pacata e semicordial nesse perímetro residencial e urbanizado. A fumaça vem de longe, os estrondos de morteiros vêm de longe, o barulho de rajadas de fuzis vem de longe, os helicópteros vão para longe. Essa rua próxima segue em paz. A calma permanece. Não há maior violência.

Paulo Vicente Cruz

Paulo Vicente Cruz é jornalista carioca. Tem textos literários publicados em revistas digitais como Subversa, Gueto e Plástico Bolha. Participou da coletânea de contos Cadernos Negros – Volume 40.



Garrincha

Rala coco é como chamamos os campos de futebol cobertos de areia ou terra batida em vez de grama. Quase sempre, são cheios de buracos e, por causa da dureza do piso, a bola corre muito mais rápido. Um tombo ali é certeza de um machucado bem feio e doloroso. Mas só pisa em grama fofa, tapete, quem suou na areia, nos dizia Professor.

Professor era o nosso técnico e todos os dias nos fazia treinar como profissionais. Às segundas fazia preparação física, às terças e quintas, treino tático e às quartas e sex-

tas, jogávamos no campão. Professor era um homem sério, havia ensinado futebol há gerações e era muito respeitado no morro. Nem tanto por revelar craques, mas sua escolinha de futebol tirava os meninos da rua e isso era o mais importante para os pais. Ali no campinho, a molecada podia correr livre sem a mãe reclamar que estavam na rua à toa, que era perigoso, que podia aparecer polícia e nos confundir com bandido e ter tiroteio.

Antes de o professor chegar, nos dividíamos em dois times para brincar de pique

polícia e ladrão, esquecíamos do treino e, por um momento, só sabíamos correr desenfreados pelo campo. Sempre havia um mais rápido e mais esperto que escapava de todos. Sempre era o Juninho, esse cara. Ele

era o atacante do time. Era quase impossível capturar o Juninho, uma flecha! Apenas com 12 anos de idade, até os garotos mais velhos o respeitavam. A melhor estratégia para alcançá-lo era juntar o time todo contra ele. Mas quando um desavisado caçava sozinho, Juninho corria para direita, o otário seguia, gingava para esquerda e o otário passava longe. A meninada, que assistia, gritava eufórica: "oléee".

Algum menino sempre ficava de vigia no portão do campo para avisar caso o Professor estivesse chegando

pela descida da grande ladeira que ligava o morro ao campo. Mas toda nossa precaução, às vezes, valia de nada. Seu faro de homem severo e disciplinador era mais eficiente. O Professor nos adivinhou no primeiro olhar e começava o interrogatório. “Está suado jogador? Estava correndo? Vai ficar cansado na hora do exercício.” E aí vinha a sentença “Quero que todos deem vinte voltas ao redor do campo, para ver se amanhã vão continuar correndo antes do treino”. Passavam as vinte voltas, mas só parávamos de correr quando o professor ficava de bom humor novamente.

Sonhava em ser um jogador de futebol, em correr em um estádio de grama verdejante e arquibancada cheia. Ganhar muito dinheiro para minha mãe e comprar um playstation. Mas para isso acontecer, eu precisaria treinar duro e me dedicar no rala côco do morro.

Juninho morava na minha rua. Costumávamos ir juntos ao campo. Um dia, saímos muito cedo pro treino. Estava muito quente e o chão de areia ardia sob nossos pés. Alguns moleques já estavam até esperando. Depois do castigo no dia anterior, ninguém se arriscava a correr pelo campo antes do treino. Juninho e eu sentamos perto da trave para calçar nossas chuteiras, quando surgiu no

campo um menino bem magro, não era do time, mas lembrava de já tê-lo visto no morro. Descalço e sem camisa pulou o muro e caiu no campo de piso escaldante. O vento soprava quente e fazia redemoinhos de areia e folhas, como num filme de velho oeste. Vimos o moleque correr até o centro do campo, confuso, respirando ofegante. Não trazia revólver na cintura, as mãos estavam vazias. Mas carregava terror nos olhos.

Logo atrás, chegavam os inimigos de duelo, dois policiais vestidos de farda, colete, pistola e botas. Tinham o dobro do tamanho do magrinho, mesmo assim foram armados para uma guerra. Prontos para aplicar a pena capital de um julgamento que não ocorreu senão nas mentes daqueles homens da lei. Lei do cão, talvez.

Eu não entendia o que se passava, a razão da perseguição. Mas sabia que não podia correr. Corre quem está devendo, essa é a lei. A lei do cão, com certeza. O melhor era ficar quietinho, na disciplina.

Ciente da sentença, o garoto voou para a ponta esquerda, com o policial cheirando seu cangote. E o neguinho gingou para um lado, o soldado acompanhou. Gingou para o outro, o soldado seguiu. O Garrincha disparou pelo meio de campo em direção à ponta direita, fez

que iria para linha de fundo, mas só fingiu e voltou. O policial não entendeu o drible e tombou com a arma em uma das mãos, enquanto a outra tentava segurar no ar para não cair. Caiu.

O menino despinguelou reto em direção ao portão do campo, para poder subir a ladeira, em fuga, rejeitando a pena que lhe fora imputada por levar de alguém um objeto que não era seu, talvez. O outro policial nem para ajudar o colega, caído no chão. Disparou. A bala passou zunindo ao lado do ouvido. Mas o moleque escapuliu por trás do muro.

Os policiais não tiveram coragem de subir a ladeira sozinhos. Lá em cima o time do menino poderia estar completo e aí a guerra seria outra. Saíram do campo batendo areia das fardas sujas, pareciam não ter nos percebido no meio da perseguição. E, de repente, tudo ficou calmo. Não passou muito tempo e o restante da molecada começou a chegar ao campo, falando e gargalhando alto, alheios ao que tinha acontecido ali minutos antes. Juninho, eu e os outros garotos que presenciamos a perseguição permanecemos no mesmo lugar, quietos e congelados de medo, até o Professor por o pé no campo e começar o treino. Naquele dia não brincamos de pique.

Ronald Lincoln – é jornalista e escritor, foi um dos finalistas do Prêmio Malê de Literatura 2018, participa da coletânea O movimento leve (Editora Malê).



PERFIL

Fábio Kabral

Natural do Rio de Janeiro, Fábio Kabral atualmente reside em São Paulo. Ator formado pela Casa das Artes de Laranjeiras (CAL), estudou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade de São Paulo (USP). Trabalhou como ator, dublador e analista de mídias sociais em agências de publicidade e relações públicas. Autor do livro “Ritos de Passagem” e da nova coleção Afrofuturismo, colabora e é co-fundador d’O Lado Negro da Força - site que destaca, valoriza e fomenta a presença negra na cultura pop. Leitor voraz de gibis e RPGs; candomblecista filho de Oxóssi, flamenguista, sagitariano e herói com rosto africano. Lançou em 2017, pela editora Malê o livro O Caçador cibernético da Rua Treze.

Revista Mahin: O que você lia quando adolescente?

Fábio Kabral: Literatura brasileira - Machado de Assis, Clarice Lispector e outros - literatura fantástica - O Senhor dos Anéis, Harry Potter e outros - muitos livros de RPG e muito, muito gibi - X-Men, Homem Aranha e outros.

Revista Mahin: Quando você não está escrevendo o que costuma fazer?

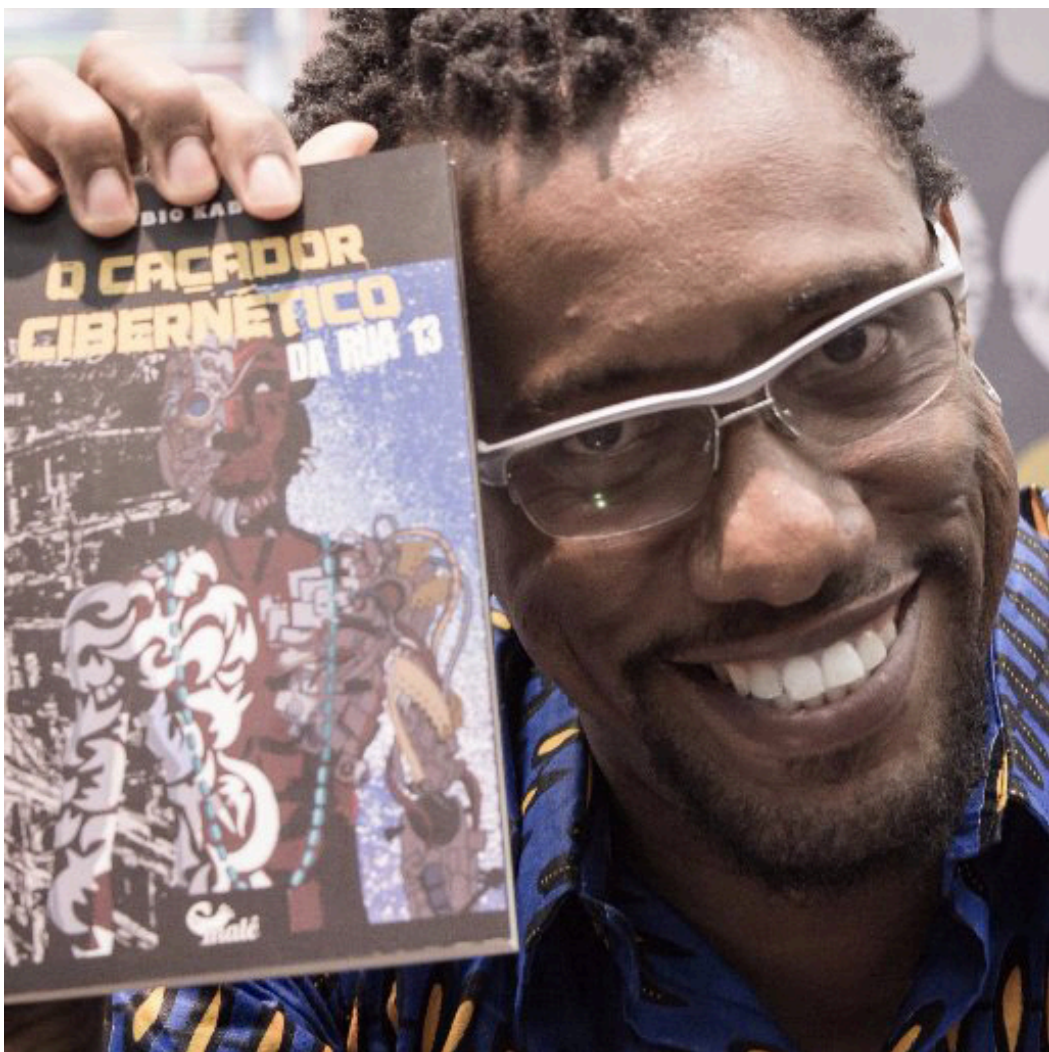
Fábio Kabral: Namorada, amigos, candomblé, leituras, seriados, playstation 3.

Revista Mahin: Comente um livro que tenha sido marcante na sua vida?

Fábio Kabral: "O herói com rosto africano" (Clyde W. Ford) - mesmo hoje eu reconhecendo que o livro possui inúmeras limitações, foi o livro que me fez decidir me dedicar a escrever histórias fantásticas e lendárias inspiradas em cosmologias e espiritualidades africanas e com protagonistas de rosto africano.

Revista Mahin: Como se iniciou seu envolvimento com o Afrofuturismo?

Fábio Kabral: Acho que alguém me marcou nalgum post, aí fui atrás pra ver o que era, aí comecei eu mesmo a escrever "O Caçador Cibernético da Rua 13" na marra mesmo, resgatando todas as minhas influências enquanto "nerd" e candomblecista. O livro "Herói com rosto africano" foi crucial nesse sentido, bem como o "Afrocentricidade" da coleção Sankofa.



Revista Mahin: Quando você pensa escrever um livro o que prioriza, o perfil dos personagens ou a ação que quer narrar?

Fábio Kabral: O que priorizo é contar uma boa história. Utilizo todos os recursos à disposição no momento. Contar uma boa história e a maneira como essa história é escrita será sempre prioridade.

Revista Mahin: Cite um retorno interessante que você teve de algum leitor dos seus livros?

Fábio Kabral: No geral, estou achando muito legal muita gente falando que quando via a Wakanda dos cinemas se lembrava imediatamente da minha Ketu 3. Algumas

pessoas perceberam também de imediato as influências de gibis e videogames no livro. Uma moça disse que o livro dá a entender que se passa num mundo "pós-branco", rs.

Revista Mahin: Como você vê o debate sobre o amor afrocentrado?

Fábio Kabral: Amor afrocêntrico não é o mesmo que relacionamento entre duas pessoas pretas. Ser afrocêntrico é uma outra coisa. Falando apenas de relacionamentos: não tenho nada pra falar além do que já falei em outras redes. Seria uma resposta longa demais, mexe com muitas emoções e feridas das

pessoas, é crítica e ataques de todos os lados. Acho que cada um deve ser o exemplo daquilo que acha ser o certo. Estou com uma mulher preta candomblecista, que eu amo demais e com quem me casarei e terei filhos. É o que sempre quis, estou mais do que feliz. Que cada um faça o que quiser. Há muitas complexidades e afetividades envolvidas, nada é tão simples.

Revista Mahin: Como você entende a situação do homem negro no Brasil? Existe muita cobrança?

Fábio Kabral: Ser um homem negro atualmente é um ataque de todos os lados. Se você é considerado "decente", empreendedor, intelectual e "bom caráter", então esperam que você salve o mundo e apoie todas as causas. Se você falha, então é imperdoável, é linchado. Somos vítimas de uma masculinidade doentia que nunca nos pertenceu. Estamos solitários e doentes. "Pegar geral" não é privilégio, porque não é nada, não resolve nada. Nossos modelos ficcionais sempre envolvem malandragem, crime, bebida, drogas. O T'Challa do filme Pantera Negra é o primeiro homem preto que me apresenta uma masculinidade ideal, segura de si, sem esses estereótipos ruins. Estamos sem apoio e ferrados...

Revista Mahin: No seu próximo livro (A Cientista guerreira do facão furioso) a protagonista é uma mulher, como foi essa experiência?

Fábio Kabral: Foi tranquilo. Es-

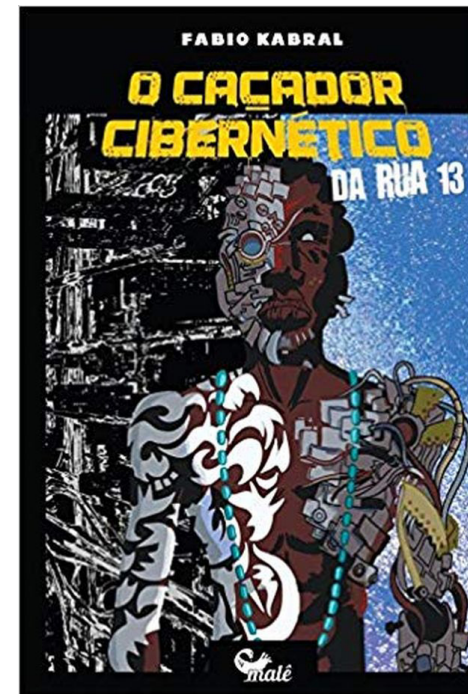
crever um personagem é escrever um ser humano. Para escrever seres humanos, basta observar as pessoas e suas especificidades, e, principalmente, observar a si mesmo.

Revista Mahin: Acredita em uma ideia de lugar de fala para a literatura?

Fábio Kabral: Prefiro muito mais personagens pretos feitos por pessoas pretas, mas a verdade é que qualquer um teoricamente pode escrever sobre qualquer um, desde que tenha a responsabilidade de fazer com respeito e assuma eventuais erros cometidos.

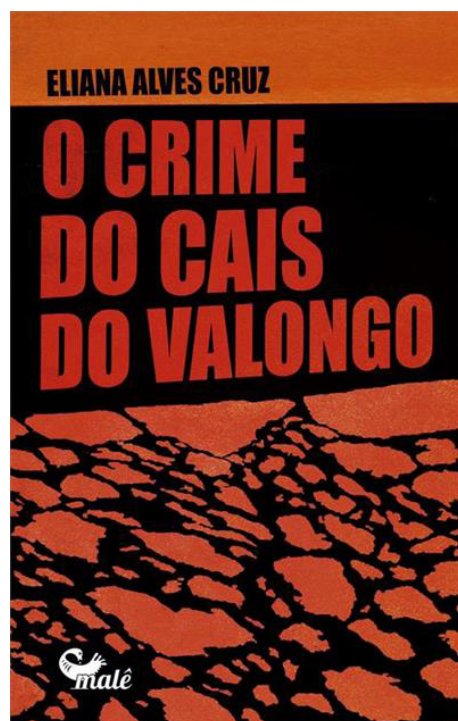
Revista Mahin: Qual sua expectativa em relação ao lançamento do segundo volume da série afrofuturista? Já tem planos para os próximos?

Fábio Kabral: Espero que o livro da Jamila alcance ainda mais sucesso que o do João Arolê, porque hoje há mais expectativa no protagonismo das minas pretas. Os planos para os próximos livros seguem firmes; espero encerrar o primeiro arco narrativo envolvendo Ketu 3 em mais três livros, e aí no sexto livro partir para as outras cidades, e depois para outros mundos, para o espaço. A pretensão é que seja uma coleção infinita contando um protagonista por vez e vários deles participando dos outros livros. Vários enredos e personagens fervilhando na mente, vão todos virar livro muito em breve. Ketu 3 e as demais cidades do Mundo Novo vão se expandir para além dos limites da imaginação...



Em *O caçador cibernético da rua treze*, Fábio Kabral apresenta elementos da mitologia lorubá em uma aventura futurista de tirar o fôlego. Com uma linguagem contemporânea, o autor cria um universo fantástico rico em detalhes, onde vive um povo melaninado, com visual arrojado e usuário de uma tecnologia avançada.

Destques 2018



O Crime do Cais do Valongo
(Editora Malê)
Eliana Alves Cruz

O crime do Cais do Valongo, de Eliana Alves Cruz, é um romance histórico-político que começa em Moçambique e vem parar no Rio de Janeiro, mais exatamente no Cais do Valongo. O livro foi eleito pelo júri do GLOBO um dos dez melhores livros de ficção de 2018.



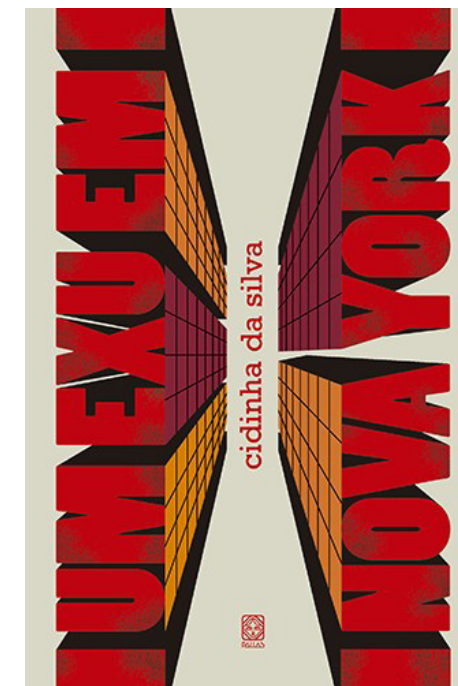
A Cor da Demanda (Editora Malê)
Éle Semog
Editora Malê

Em a cor da demanda, Éle Semog lança o seu visto como uma lâmina em brasa sobre as realidades que ora nos afligem, ora nos enternecem. Os poemas traduzem com uma sinceridade emocionante, e sem concessões.



Intelectuais Negras: Prosa Negro-Brasileira Contemporânea (Editora Malê)
Mirian Cristina dos Santos

Partitura de um discurso claro e explícito - o da mulher negra - a Autora, de saída, enunciando-se a si mesma, o papel da mulher negra ao mesmo tempo, intelectual na luta pela sociedade brasileira, a partir de narrativas negras-femininas contemporâneas.



Um exu em nova York (Pallas Editora)
Cidinha da Silva

Cidinha da Silva apresenta uma perspectiva contemporânea e ficcional do cotidiano, sobre temas como política, crise ética, racismo religioso, perda generalizada de direitos (principalmente por parte das mulheres), negros e grupos LGBT.



As férias da Lili (Editora Ciclo Contínuo) - Livia Natália

Lili é uma menina muito esparta e sonhadora, que nem sempre tinha boa história de férias pra contar na escola. Mas com muita poesia e uma ajudinha dos Orixás, Lili vai viver uma grande aventura.



Angola Janga - Uma História de Palmares (Veneta)
Marcelo de Salette

Um grandioso romance histórico em quadrinhos que fala de Zumbi, e de vários outros personagens complexos como Ganga Zumba, Domingos Jorge Velho, Ganga Zona e diversos homens e mulheres que compõe o retrato de um momento definidor do Brasil.



Flechinha (Editora Malê)
Kenia Maria

Em Flechinha: o príncipe da floresta, Kenia Maria apresenta as aventuras do menino Flechinha diante dos mistérios da floresta e sua construção como defensor das matas.



Pesado Demais Para A Ventania: Antologia Poética (Toda Via)
Ricardo Aleixo

O poeta mineiro demonstra engenho e arte para falar do amor, da família, da cultura afro-brasileira, das grandes cidades e da própria literatura... são observações líricas e poderosas sobre os relacionamentos, o racismo, o amor, os antepassados e a própria poesia.



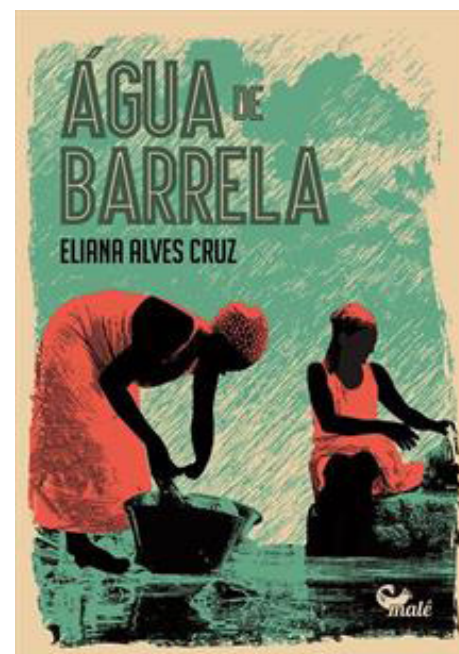
Eles (Editora Malê)
Vagner Amaro

Em Eles, estreia na literatura do editor da Malê, Vagner Amaro, aborda os abismos e lutas, identificações e empatias, na construção da identidade dos homens, diante das exigências do padrão hegemônico de masculinidade. Contos curtos, instigantes, que abrem janelas para reflexões sobre algo essencial para as relações humanas.



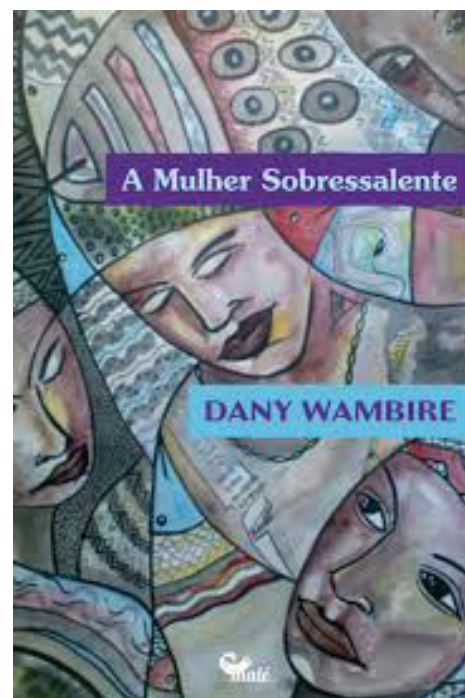
O Homem Azul do Deserto (Editora Malê)
Cidinha da Silva

“O homem azul do deserto é uma mulher que transita por vários tipos de mulheres, sempre ligado pela diáspora brasileira, revelando-se ao mesmo tempo que as histórias, sem nunca deixar de falar também do absurdo que envolve uma vida da população negra no país.” – Giovani Martins.



Água de Barrela (Editora Malê)
Eliana Alves Cruz

Como muitas mulheres negras não apresentam romance Água de barrela, de Eliana Alves Cruz se encontram no lavar, passar, enxugar e tirar as roupas das patroas e das roupas brancas num modo de sobrevivência em quase trezentos anos de história.



A Mulher Sobressalente (Editora Malê)
Dany Wambire

Histórias que nos remetem para um mundo que parecem inverossímeis. Mas que não o é. Da importância da literatura que produz. Com o nó na garganta, nós, os seus leitores, nos contamos com as suas credenciais.



Íris (Publiquei Editorial)
Lyli Lua

Talvez o medo mais escondido de cada ser humano seja o da morte. A ideia de deixar este mundo sem cumprir totalmente nossos sonhos é tão desesperadora que pode ser capaz de nos impedir de realizá-los. Assim acontece com Íris.



Canção para ninar menino grande



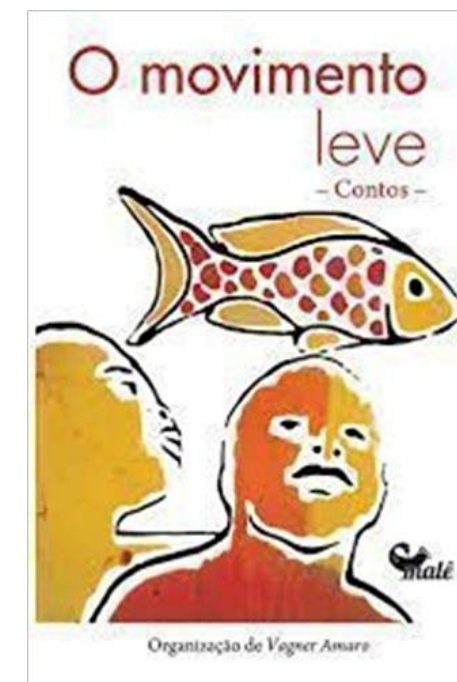
Conceição Evaristo

Canção Para Ninar Menino Grande (Unipalmares)
Conceição Evaristo

Quando se trata de conquistar mulheres, o “protagonista” Fio Jasmim se julga potente como qualquer homem branco. Mas esse instinto é abalado por episódios traumáticos de infância. Como quando, na escola, uma professora o impediu de fazer papel de príncipe por causa de sua cor. (Fonte: <http://pvmulher.com.br/>)

Um Buraco Com Meu Nome (Polen Livros)
Jarid Arraes

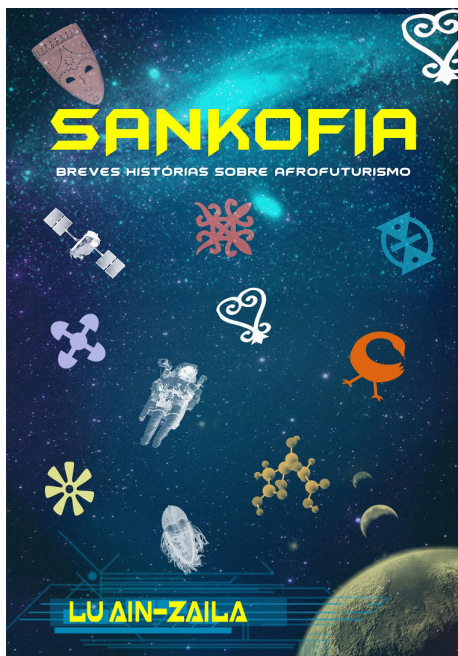
Em seu livro de estreia na poesia, a escritora e cordelista Jarid Arraes dedica seus poemas àqueles que não encontram matilha.



O Movimento Leve (Editora Malê)

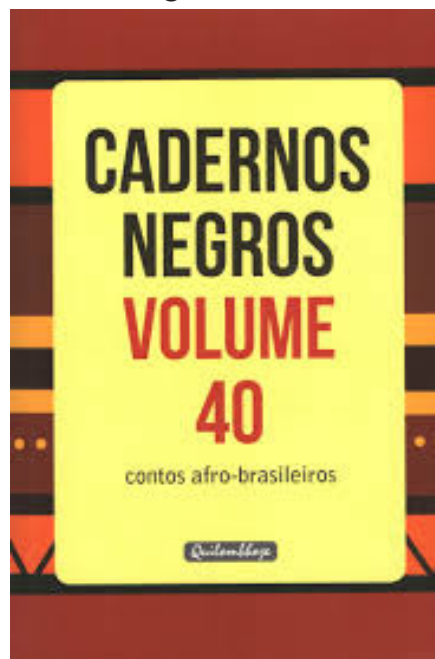
Helena Vitória; Ronald Lincon; Bianca Kelly; Caroline Anice; Israel Marques; Jorruam Almeida; Munah Maleque; Thaynara Henrique; Wlance Keindé; Eugenio Rodrigues.

O Movimento Leve: contos o livro vai buscar os melhores textos com maior diversidade e estilo, marcar pelo Pêmio Malê de Literatura. Os textos mostram um pouco da escrita de jovens de diferentes regiões brasileiras. São contos que trazem novos olhares para uma literatura brasileira.



Sankofia (Independente)
Lu AinZaila

Sankofia é um livro de contos de inspiração afrofuturista que passeia por vários gêneros literários, mesclando, por exemplo, empregadas domésticas e terror social, Maracatu e Sword& Soul, patrimônio histórico e mistério; fantasia, poderes e representatividade, ficção científica e o que nos faz humanos; cultura e mitologia africana.



A Inútil Capacidade De Ser Normal (Hope Editorial)
Fabricio Fonseca

João Lourenço tem o quarto do jeito que quer, livros de sobra em sua estante para ler, e um computador com internet para assistir suas séries favoritas. Para João sua vida seria perfeita se não fosse por um único fator: Sua mãe quer que ele seja um garoto normal.

Cadernos Negros 40 (Quilombohoje)
Várix autorxs

O volume 40 marca o quadragésimo ano de existência da série criada em 1978. É um livro com um número recorde de autorxs: 42. Contos que falam sobre o cotidiano dos afro-brasileiros, mostrando a maturidade de uma literatura que se renova sem abrir mão da arte e do comprometimento.



Um Corpo Negro (Editora Nosotros)
Lubi Prates

Um corpo negro conta, poeticamente o processo da autora do seu descobrimento como negra, a partir do que manifesta fisicamente no seu corpo, até as histórias que ouve sobre seus ancestrais e suas experiências desta identidade, desconstruindo a representação do negro.



Carolina: Uma Biografia (Editora Malê)
Tom Farias

Em Carolina: uma biografia, o jornalista Tom Farias apresenta a complexa trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus. A biografia detalha não somente sua relação com os filhos e o momento de ascensão, devido ao sucesso editorial do livro Quarto de despejo.



O Sol na Cabeça (Companhia das Letras)
Giovanni Martins

Geovani Martins narra a infância e a adolescência de garotos para quem às angústias e dificuldades próprias da idade soma-se a violência de crescer no lado menos favorecido da "Cidade partida", o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XXI.

Enquanto os Dentes (Toda Via)
Carlos Eduardo Pereira

Com uma escrita precisa e mordaz, Carlos Eduardo Pereira constrói em "Enquanto os Dentes" um retrato duro e necessário de um Brasil violento: não a violência das ruas, mas a agressividade da intolerância e da discriminação que se escondem dentro das próprias casas, famílias e instituições.



Quem Tem Medo do Feminismo Negro? (Companhia das Letras)
Djamila Ribeiro

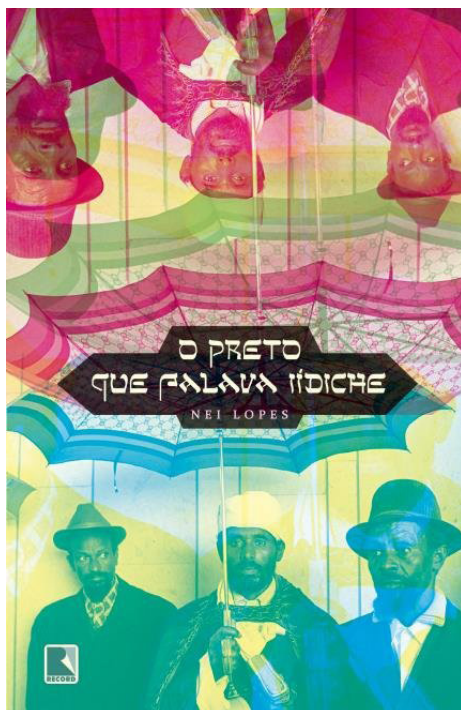
Quem tem medo do feminismo negro? reúne um longo ensaio autobiográfico inédito e uma seleção de artigos publicados por Djamila Ribeiro no blog da revista CartaCapital, entre 2014 e 2017.



As faces de uma percussora

Maria Firmina dos Reis

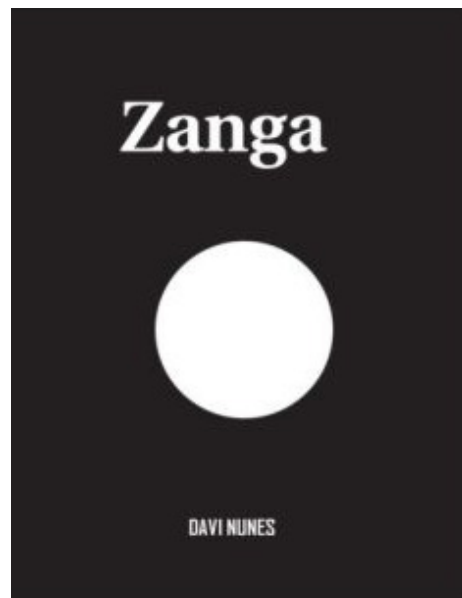
Reunidos ensaios e artigos de autores que são referência na fortuna crítica da escritora maranhense, autora do pioneiro romance Úrsula, do conto abolicionista "A escrava", do volume de poemas Cantos à beira-mar e da narrativa indianista Gupeva, todos com reedições recentes e disponíveis aos leitores.



O preto que falava Lidiche

Nei Lopes

O encontro de duas comunidades degredadas no Rio da primeira metade do século XX: negros e judeus. O mais ambicioso romance de Nei Lopes.



Zanga (Editora Segundo Selo)

Davi Nunes

O livro reúne na linguagem e nos enredos a vida das periferias e a cultura afro-brasileira - com destaque para a cultura (modo de vida) de Salvador.

No Reino da Carapina

Fausto Antonio

No reino da carapina é uma obra infanto-juvenil que dialoga com a cosmogonia afro-brasileira.

